

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE: REFLEXÕES SOBRE UMA METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM.

Rudimar Serpa de Abreu^{1,2}

RCC



Revista Ciência e Conhecimento – ULBRA/São Jerônimo

1 – Professor do Curso de História da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, RS, Brasil.

2 – Professor da Universidade de Santa Cruz – UNISC, RS, Brasil

Dados para correspondência

Rudimar Serpa de Abreu
Rua: Núcleo C-78, nº 54, Bairro Piratini
CEP: 96745000
Cidade: Charqueadas, RS, Brasil
E-mail: rudiabreu@terra.com.br

Recebido em: 18/09/2014.
Revisado em: 20/10/2014.
Aceito em: 24/10/2014.

Área: Metodologias e estratégias de ensino e aprendizagens.

RESUMO - Este texto pretende discutir o ensino da História da Educação sob o ponto de vista das concepções atualmente produzidas pela a historiografia: positivismo, marxismo e anales, bem como proporcionar uma reflexão sobre os problemas que envolvem o ato de ensinar e aprender em História da Educação. Busca-se também refletir sobre uma proposta metodológica desenvolvida durante as aulas de História da Educação, nos cursos de Pedagogia, utilizando os conteúdos de História da Arte para contextualizar a História e desenvolver as aprendizagens sobre História da Educação.

Palavras-chave: Ensino de história da educação. Historiografia. História da arte.

ABSTRACT - This paper discusses the teaching of history of education from the point of view of concepts currently produced by historiography: positivism, Marxism and Annales, as well as provide a reflection on the issues surrounding the act of teaching and learning in History of Education. Also seeks to reflect on a methodology developed during the lessons of History of Education, courses in pedagogy, using the contents of art history to contextualize the history and develop learning about the History of Education.

Keywords: Education history of education. Art history and Historiography.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta uma reflexão sobre práticas realizadas em sala de aula, nos últimos anos, durante o desenvolvimento da disciplina de História da Educação, na Universidade Luterana do Brasil, Campus São Jerônimo. Essa disciplina está configurada nos projetos pedagógicos dos Cursos de Pedagogia, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, no núcleo de estudos básicos.

O núcleo de estudos básicos dos currículos dos cursos de Pedagogia, sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, por meio do estudo acurado da literatura pertinente e de realidades educacionais, assim como por meio de reflexão e ações críticas, articula os estudos de História da Educação, entre outros.

As discussões relativas à construção de aprendizagem, aos elementos envolvidos nos processos cognitivos por parte dos estudantes e ao trabalho didático-pedagógico desenvolvido em sala de aula vêm ocupando as atenções dos educadores em geral e dos professores de História da Educação em particular.

No exercício da atividade docente freqüentemente ouvimos dos professores de Ensino Superior reclamações sobre o desinteresse dos estudantes pelo estudo de algumas disciplinas, que os acadêmicos entendem não serem específicas de sua futura formação. Isto me levou a indagar: por que este desinteresse? Era preciso avançar quanto às explicações para tal situação e não ficar, muitas vezes, reproduzindo questões do senso comum: “a escola de ensino médio não ensina mais nada”, “o aluno universitário não se interessa mais como o de antigamente”, “isto só acontece porque é o curso de pedagogia”, entre outras questões. No entanto, diante dos avanços das reflexões e investigações a esse respeito, é comum nos depararmos com o coro dos descontentes de ambos os lados.

De um lado, os professores de História da Educação queixam-se do desinteresse e apatia de seus estudantes que, distanciados de um passado orgânico e de uma consciência clara a respeito do valor da educação e de sua práxis, perdem-se em meio a um conjunto de ações cotidianas desprovidas de sentido e não conseguem estabelecer claras relações entre aquilo que estudam em termos de conteúdos históricos, a escola atual e sua vida real.

Por outro lado, os estudantes desses mesmos professores seguidamente repetem suas queixas em outro tom: as aulas são enfadonhas, os temas são desinteressantes e os professores são distantes e inacessíveis. Enfim, a vida cotidiana e o presente vivido em nada se aproximam de um passado inacessível e abstrato.

Desta forma, esse estudo busca refletir sobre o objeto de trabalho da disciplina de História da Educação, as concepções de História e Historiografia, as relações de História da Educação com a educação e, por fim, apresentar uma alternativa metodológica de utilização da História da Arte no desenvolvimento da disciplina de História da Educação.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A história da educação é uma disciplina curricular dos cursos de Pedagogia e, conforme a estrutura, também está posta nos currículos de algumas licenciaturas. Além disso, é uma área de pesquisa em grande expansão no Brasil, diferenciando-se das pesquisas em História pelas fontes que normalmente utiliza, tais como: arquivos e museus escolares, legislações específicas, diários de classe, cadernos de estudantes, entre outros. Os temas de pesquisa são múltiplos também, abrangendo instituições educacionais, representações de infância e da profissão docente, história da educação comparada (entre estados brasileiros e entre países), história das disciplinas escolares, história do ensino superior, etc.

No estudo da história buscamos uma concepção que permita compreender a produção dos sujeitos históricos num tempo e espaço marcados pelas determinações sociais.

“A história é um profeta com olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será”. Essa frase, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, foi publicada na contracapa do livro *As Veias Abertas da América Latina* e traduz a importância dos estudos históricos, pois um homem, conhecendo seu passado e tendo consciência clara da realidade vivida no presente, pode perceber as tendências das transformações sofridas pela sociedade em que vive -. pode, enfim, perceber as tendências das transformações sofridas pela sociedade em que vive.

Entende-se que a História da Educação é parte deste contexto maior, uma vez que a educação se desenvolve na sociedade, a partir das relações dos homens que a construindo, também se constroem.

A História da Educação nasce como algo separado da História e ligado à formação docente, às disciplinas ou ciências da educação. Particularmente nas últimas décadas, a História da Educação recebe influência das diversas correntes e escolas historiográficas e dos embates e combates teórico-metodológicos da História. Dessa forma, ela também participa do debate epistemológico sobre a construção do conhecimento histórico.

O conhecimento da história da educação é altamente relevante para os estudos da sociedade de maneira geral. Pode-se afirmar que conhecermos os processos e as práticas

históricas de educação é fundamental para ampliarmos nossa compreensão das maneiras como, em tempos e espaços distintos, homens e mulheres organizaram e organizam seus modos de aprender e de transmitir seus afazeres e saberes.

Referindo-se ao campo de atuação da história da educação, Veiga (2006, p. 11), aponta que,

a problematização da educação e da escola como construção histórica diz da constituição de estratégias (materiais e discursivas) direcionadas para uma permanente reinvenção dos modos de socialização dos comportamentos e dos saberes de uma determinada sociedade. Portanto, pela história da educação é possível indagarmos sobre as disputas políticas e culturais de ideias e de concepções, bem como sobre as dinâmicas de conflito vivenciadas pelos grupamentos humanos e expressas em suas diferenças étnicas, de classe social, gênero e geração.

Assim, a História da Educação objetiva analisar em diferentes períodos históricos a trajetória dos grupos humanos em suas maneiras de ser, pensar, agir e nas formas de expressar estas mensagens às gerações posteriores, conhecendo o processo histórico de transformação das práticas pedagógicas e as diferentes escolas que surgiram.

AS CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E A HISTORIOGRAFIA

Na verdade, cabe aos educadores situar o cenário de reflexões sobre problemas envolvendo o ato de ensinar e aprender História da Educação, pelo qual sejamos capazes de olhar para as nossas práticas e desvelar qual concepção de História aparece nos planejamentos de aula e, conseqüentemente, na metodologia escolhida.

Segundo Corsetti (2001, p. 68),

A existência de diferentes paradigmas epistemológicos da História é fato que caracteriza não apenas a chamada ciência histórica, como todo o campo das ditas ciências sociais. A coexistência de diferentes modelos explicativos faz com que o conhecimento histórico não se apresente vinculado a um único paradigma. Na medida em que o objeto histórico pode ser deslocado de um para outro nível do topo social, verificamos a manutenção de diversas matrizes interpretativas que caracterizam as escolas históricas, embora cada uma delas apresente a pretensão de elaborar um modelo de ciência válido para toda a historiografia.

O professor de História da Educação quando planeja suas aulas aparecem subjacentes ao seu trabalho, teorias da historiografia. Essas teorias podem ser percebidas na ação docente que leva o professor a produzir uma aula centrada na narração de fatos, na crítica social ou na reflexão dos conflitos de classes. A partir desse reconhecimento, identificam-se modelos diferenciados que vão do positivismo à tendência da Nova História, que contemporaneamente acaba por combinar vários modelos de interpretação. Mesmo percebendo a discussão

polêmica que cerca esse assunto, inclusive a utilização do próprio termo paradigma para o campo das ciências sociais, acreditamos que esses modelos existem, coexistem e influenciam de formas diferenciadas as práticas didático-pedagógicas no ensino de História e, também na disciplina de História da Educação.

A teoria positivista nasce no século XIX, com o francês Augusto Comte, iniciador desta corrente que exprime a exaltação da ciência moderna e parte do pressuposto de que a humanidade (e o próprio homem, na sua trajetória pessoal) passa por diversos estágios até alcançar o terceiro estado (lei dos três estados) *estado positivo*, que se caracteriza pela maturidade do espírito humano.

O estado positivo é caracterizado pela renúncia ao conhecimento absoluto, das causas últimas, passando então a dirigir as forças intelectuais para a compreensão das leis e das relações que se podem constatar entre os fenômenos por meio da observação e dos instrumentos teóricos. (CHAUÍ, 1985, p. 113)

No ensino de história, sua influência acontece com a narração e a busca da verdade somente nos documentos oficiais. O historiador, um elemento neutro nesse processo, tem apenas que descrever os episódios, as datas, as guerras, os fatos, os heróis.

Todos mortos. E assim, a história, tratada à distância, assepticamente, quase nada ou nada mesmo explica, embora exerça marcada influência na compreensão do histórico em todos quantos têm acesso à escola, o que é extremamente conveniente à manutenção da ordem. (LOPES, 1995, p. 23).

As aulas de histórias passam a ser enfadonhas, pois o professor apenas transmite informações do passado e o aluno recebe este conhecimento sem produzir nenhuma análise ou crítica, apenas memoriza e decora essa história linear e cronológica que, muitas vezes, serve como instrumento de dominação da história oficial.

Apesar do predomínio da concepção positivista, até meados do século XX, várias manifestações se colocaram contra ela, desde os fins do século XIX. Fora do mundo dos historiadores profissionais, Karl Marx e Friedrich Engels, propuseram, com o materialismo histórico, a primeira teoria global das sociedades humanas.

Para exemplificar, lembramos que a abordagem idealista da história, assimilada pelo senso comum, explica seu movimento pela ação dos “grandes homens”, das grandes ideias ou, às vezes, até pela intervenção divina. Para Marx, diferentemente: no lugar das ideias, então os fatos materiais; no lugar dos heróis, a luta de classe. Nesse processo, surgem contradições no seio da sociedade, que no tempo de Marx, e ainda hoje, resultam dos interesses antagônicos do capitalista e do proletário. (ARANHA, 1996. p. 141).

A concepção marxista, a partir do materialismo histórico de Marx e Engels, entende que a história se faz com os fatores materiais, econômicos e técnicos que correspondem às condições em que os homens se reúnem para produzir sua existência no trabalho. Identifica o conflito da luta de classes: dominante e dominada, opressor e oprimido, burguesia e proletariado. A busca da justiça social é fundamental nessa abordagem.

A história para Marx e Engels aparece como ciência inclusiva e se configura como a ciência dos homens; para eles o histórico é intrinsecamente sociológico, pois deve explicar o lado social do humano e, reciprocamente, o lado humano do social, o de que desloca e inverte a tradição positivista. (LOPES, 1995, p. 27).

Desta forma, o conteúdo a ser trabalhado na disciplina de História deverá estar impregnado de conscientização, através do estudo e identificação das relações de poder ocorridas no passado e presente, levando educadores e educandos a assumirem e perceberem sua situação social, optando por uma participação mais ativa na história. O professor e o aluno conscientizam-se do poder de mudança e transformação social que possuem através do conhecimento histórico.

Um outro contraponto à teoria positivista surge a partir da publicação, no início do século XX, na França, de uma Revista de História chamada *Annales*, a qual defende o caráter científico da história vista como uma ciência em construção.

A ciência da história vive inovações profícuas com a criação desta revista, que teve em Marc Bloch e Lucien Febvre seus principais organizadores. Sua convocatória principal pode assim ser resumida, nas próprias palavras de L. Febvre, 1977, p. 56: “para fazer história, virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais vivam. Envolvam-se na vida”.

Também, defende-se aí o caráter científico da história, visto como uma ciência em construção. Segundo Corsetti (2001, p. 69):

Disso decorria a necessidade de construir, com maior rigor, seu objeto, por hipóteses, o que estabelecia a substituição da história-narração pela história-problema. Defendendo uma síntese global do social, propôs a abertura da História para os aspectos coletivos, sociais, cíclicos das formações históricas.

Assim, a história é crítica e viva, não apenas um conhecimento do passado; ocupa o espaço de denúncia, finalidade maior desta concepção. As ciências sociais estão agora presentes para ajudar a entender os processos vividos por todos os sujeitos ao longo da história, não apenas alguns como reforçavam os positivistas. O professor de história e ou História da Educação busca elementos em diversas fontes e situações para ensinar história.

Tudo que é produzido pelo homem é um elemento de estudo. Também, as minorias excluídas - índios, negros, aparecem com suas contribuições, porque tudo faz parte da história.

A compreensão dessas teorias/concepções e a sua tradução nas abordagens didáticas devem ser fruto de reflexão de todo o professor de história. Atualmente, observa-se que um grande número de educadores ainda reforçam e organizam suas aulas dentro de uma visão positivista, contribuindo para que o estudante não reflita sobre a sua história e continue passivo diante dela. Porém, cada vez mais, percebe-se a necessidade de a educação se relacionar com a história de forma dinâmica, onde passado, presente e futuro estejam integrados. A finalidade é que se estude o passado para melhor compreender o presente e criar condições de projetar o futuro. Questões presentes nas abordagens críticas da concepção da Escola de Annales e Marxista, possibilitam que os estudantes se sintam sujeitos da história.

Nesse sentido, acredito ser plenamente possível, que os educadores avancem em direção a uma postura mais dialógica e mediadora do processo de ensinar e aprender em História da Educação.

Diversos autores de História da Educação apontam para a necessidade de se distinguir as duas funções para a História da Educação: a disciplina e a pesquisa.

A primeira refere-se à história da educação como disciplina de um curso, a fim de que as pessoas envolvidas com o projeto de educar as novas gerações tenham consciência do caminho já percorrido e possam, da maneira mais intencional possível, estabelecer as metas para a implementação desse processo, atentas para as mudanças necessárias. Outra função, bem distinta, mas inegavelmente fruto desta, é a da história da educação como atividade científica de busca e interpretação das fontes, para melhor conhecer nosso passado e nosso presente.

Por fim, essas duas funções da história da educação devem exercer fecunda influência na política educacional, sobretudo nas situações críticas em que são gestadas as reformas educativas, depois transformadas em leis, a fim de que se possa defender a implantação de uma educação pública democrática e de qualidade.

A ARTE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Na História da Educação, foi constatado que os acadêmicos vêm para as aulas já providos, muitas vezes, de preconceitos e que isso se deve à forma tradicional do ensino de história que ainda persiste em algumas escolas de ensino médio, não atraindo a atenção nem o

interesse dos estudantes em virtude de algumas dificuldades. Talvez a mais importante delas seja o predomínio da história narrativa como forma de transmissão de conhecimento.

A valorização da mecanização de nomes, de fatos e datas, cuja explicação é feita de forma mecânica, sem exigir do aluno maior raciocínio, acaba fazendo do ensino da História um momento de supervalorização do hábito de decorar, uma vez que a história é apresentada como sucessão de fatos isolados. Promove-se assim, o descrédito pela disciplina por parte das outras áreas do conhecimento, pelo fato de ela ser vista como portadora de conteúdos inúteis, meramente ilustrativos. Neste contexto desestimulante, se o docente de História não tiver consciência profissional e formação teórica consistente, poderá deixar-se levar por estas afirmações e trabalhar os conteúdos como algo insignificante, exigindo menos de si e dos estudantes.

Outra questão que caracteriza o ensino tradicional e que interfere negativamente nos resultados é o “discurso competente” exercido nas relações de poder em sala de aula, onde só o professor e o livro didático detêm o saber. O docente que ensina história com esta preocupação não ouve os estudantes, não questiona, não se auto-avalia. Enfim, para ele a história é um conjunto de fatos e situações que não merece maior análise; é um produto acabado e pronto. Isso tudo gera uma forma de ensino rotineira, acrítica e cansativa de fatos desconectados. Para superá-la é preciso conceber o exercício de um ensino ligado à realidade, em que se aproveita a história da vida do aluno, de sua escola, de seu país e de sua época, articulando os conteúdos que parecem “mortos”, “frios”, com suas leituras, com o estudo de outras disciplinas e até mesmo com o que se ouve e vê no rádio e na televisão. É possível, assim, desenvolver o espírito crítico na área de história e pensar o passado relacionado com o presente.

Quanto à História da Educação, a ementa desta disciplina sugere o estudo das transformações da educação nos diferentes períodos da História; a educação nas sociedades primitivas, nas civilizações da antiguidade oriental e clássica, bem como durante a idade média; as relações entre modernidade, capitalismo e educação; o desenvolvimento da educação na contemporaneidade; influências teórico-pedagógicas nas políticas e práticas educacionais brasileiras; condicionantes histórico-estruturais que produziram a escola brasileira: do modelo agro-exportador ao modelo urbano-industrial; relações entre sociedade, trabalho e educação no Brasil; características históricas da educação no Rio Grande do Sul e a educação brasileira no contexto atual.

Os objetivos desta disciplina são:

- investigar e analisar em diferentes períodos históricos a trajetória dos grupos humanos em suas maneiras de ser, pensar e agir e nas formas de expressar estas mensagens às gerações posteriores;
- analisar a educação e a sociedade brasileira com ênfase em determinantes histórico-estruturais;
- conhecer o processo histórico de transformação das práticas pedagógicas e as diferentes escolas brasileiras;
- identificar as especificidades históricas da educação gaúcha; e
- conhecer as tendências educacionais emergentes para a construção do projeto político-pedagógico dos novos tempos.

A análise destas situações referentes à questão da relação do estudante com o ensino de história e à proposta da disciplina de História da Educação levou-me a pensar estratégias metodológicas para serem utilizadas em sala de aula, que pudessem desmistificar a História da Educação e envolver mais os estudantes de pedagogia na disciplina.

Assim, comecei a experimentar em sala de aula a utilização da história da arte, como meio de contextualizar a história geral de uma civilização, para posterior trabalho de análise da educação de tal época.

Desta forma, busco sensibilizar os estudantes para o entendimento de que ao longo da história da humanidade, um grande número de homens e mulheres deixaram o testemunho de sua sensibilidade em grandiosos edifícios, em frescos e telas desenhadas com as cores de sua época, em mármore e bronzes esculpidos com as formas de seu gosto ou de sua cor preferida, em móveis, utensílios ou roupas desenhadas com a precisão de mestres e a beleza de artistas.

Através da arquitetura, os lugares onde o homem reza, governa e vive. Desde a Acrópolis romana até a cidade nova que Lê Corbusier imagina no século XX; desde os batistérios renascentistas, projetados para a ressonância das vozes que cantavam a Deus, até a impressionante ópera de Sydney em que ressoam as vozes mais profanas entoando árias de Verdi; desde as pequenas sinagogas judaicas escondidas nas cidades polonesas até a imensidade de São Pedro do Vaticano; desde as vilas italianas até os primeiros arranha-céus de Chicago, a história da arte registra a história de cada época, mediante a qual o homem ergueu seus templos, levantou seus símbolos comemorativos de vitórias, projetou salões e os gabinetes em que seus governantes viriam a conspirar e ser magnânimos, e, enfim, construiu as casas em que ele mesmo tinha que guardar suas paixões privadas e seus sonhos.

A pintura, visões da realidade e da imaginação, foi sempre, a contar da origem dos tempos, um dos melhores meios de expressão do ser humano. Através dela chegou a nós a

alma da humanidade, desde as crenças pré-históricas da arte rupestre até o horror refletido no famoso quadro Guernica, de Picasso.

A escultura e a beleza das formas no espaço revelam que os escultores utilizaram, ao longo da história, todos os materiais que permitiam ser trabalhados em várias dimensões: areia, cristais de rocha, conchas de moluscos, ossos de animais, rochas, metais, madeira, etc. Sobre eles encontramos conformadas as grandes figuras da história da arte, das obras religiosas da arte medieval aos sublimes mármores renascentistas com majestoso destaque do corpo humano.

As artes decorativas - a grandeza do pequeno – mostram que o homem sentiu, em todos os tempos, a necessidade de embelezar os espaços. A arquitetura interior, a iluminação dos recintos, o aspecto de suas paredes e os móveis tendem a combinar-se sempre procurando a harmonia plástica. Também o vestuário foi ao longo da história, preocupação fundamental, não só de artesãos como de artistas.

A imortalidade do teatro nos dá ideia da sua dimensão e força através dos tempos. O teatro grego até hoje está presente entre nós através das imortais tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, cujos dramas em cada representação alcançaram um sucesso idêntico ao que devem ter tido nas suas estreias em Atenas, há 25 séculos.

Assim, ao planejar as aulas de História da Educação, procuro sempre dividi-las em três momentos: o contexto histórico, a educação e a pedagogia. Na organização do *contexto histórico* reflete-se sobre as questões educacionais engendradas pelas relações econômicas, políticas, sociais e culturais das quais fazem parte indissolúvel. Na *educação* apresentam-se as realizações dos educadores nas suas atividades cotidianas, com as práticas efetivas, as lutas de poder que antecederam a formulação das leis, a participação e omissão do Estado e assim por diante. Na Pedagogia selecionam-se as principais teorias educacionais produzidas em cada período histórico.

É no momento de organizar o contexto histórico que tenho experimentado a inclusão de partes da história da arte como maneira de despertar o interesse dos estudantes para a História e tornar as aprendizagens mais significativas. Descrevo a seguir alguns exemplos dessa iniciativa:

- na época primitiva trabalhamos com releituras das pinturas rupestres, confecção de maquetes dos habitat primitivos;

- na antiguidade clássica, além de apresentar imagens de toda a produção de pinturas, esculturas, arquiteturas, procuro relatar fragmentos das obras teatrais através das comédias e tragédias da Grécia e Roma;

- no período medieval, oportunizo a assistência de fragmentos de filmes que retratam a Idade Média e a busca de imagens das catedrais, mosteiros, bem como a forma de entendimento da cultura, da ciência e religião da época;

- no período moderno, apresento toda a produção cultural e científica do Renascimento, Reforma, Revolução Científica e Iluminismo buscando entender a nova ordem social através das diferentes manifestações artísticas;

- na contemporaneidade procuro mostrar e fazer com que os alunos percebam como a arte se manifesta e está presente em todas as revoluções e formas de expressão do homem;

- a história do Brasil, procuro contá-la através das manifestações dos artistas em diferentes momentos: colônia, império e república.

Essa metodologia, construída aproximando história da educação e arte, possibilita o que Schön (1993) conceitua como o “conhecimento da ação”, como sendo o conhecimento que os profissionais utilizam na execução da ação. Também, segundo o mesmo autor, desencadeia o processo de reflexão da prática, apresentado em três níveis distintos: *a reflexão na ação*, que é a reflexão no decurso da ação sem interrompê-la, quando o profissional vivenciar situações novas que extrapolam suas experiências prévias; *a reflexão sobre a ação*, que representa a reconstrução mental da ação, analisando-a de forma retrospectiva, construindo um repertório de experiências práticas; e, *a reflexão sobre a reflexão na ação*, que se dá a partir do surgimento de novas situações, as quais superam o universo de experiências, exigindo do profissional uma análise, uma contextualização e uma investigação, que é o processo que leva o profissional a progredir no seu desenvolvimento e a construir sua forma pessoal de conhecer.

A ideia central de Schön consiste em que o aprendizado ocorre como resultado de reflexões, desenvolvendo novos raciocínios, novas maneiras de pensar, de compreender, de agir e de equacionar problemas, ou seja, um aprendizado construtivista, flexível e pessoal.

A interdependência entre a reflexão e o conhecimento é também destacada por Alarcão (1996), quando evidencia que o conhecimento é gerado pela reflexão e a reflexão é sustentada pelo conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas aulas de História da Educação é possível trazer para a atualidade o que realmente os fatos e os fenômenos sociais representam na vida do homem, que influências exercem sobre ele, tornando a realidade mais compreensível, de modo que os estudantes possam

perceber que eles próprios estão sendo agentes da história do seu tempo. Valoriza-se mais a disciplina enquanto processo vivo de registro de uma época, de um povo, de uma civilização, de uma educação e de uma pedagogia. Mostra-se que a história não se revela apenas em uma seqüência de fatos que marcaram um tempo, mas que é vida, que é o conjunto de todos os fatos, expressados de diferentes formas pelo homem no decorrer de sua existência.

Acredito, assim, despertar maior interesse e contribuir para uma melhor visão de mundo por parte dos acadêmicos, à medida que sentem a disciplina de História da Educação como algo latente em suas vidas e podem sentir-se ao mesmo tempo sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. (org.) Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora. 1996.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. História da educação e da pedagogia: geral e Brasil. 3 ed. rev. e atual. São Paulo : Moderna . 2006.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. História da educação. 2 ed. rev. e atual.. São Paulo : Moderna . 1996.
- CHAUÍ, Marilena et alli. Primeira filosofia: lições introdutórias. 3. ed. São Paulo : Brasilense, 1985.
- CORSETTI, Berenice. Considerações sobre a teoria da história. Revista História. Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas. v. 1, n. 3. 2001.
- EDUCAÇÃO EM FOCO: revista de educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. v.6, n.1, mar./ago., 2001 semestral.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Perspectivas históricas da educação. 4. ed. São Paulo : Editora Ática, 1995.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. Ensinar história. São Paulo : Spicione, 2004.
- SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In Antonio Nóvoa (Coord) Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- VEIGA, Cynthia Greive Veiga. História da educação. São Paulo: Ática, 2007.